# Pequenos e sutis detalhes

Dizem que não reconhecemos e valorizamos o que temos até que essas coisas são tiradas de nós. Nos foi tirado a liberdade de respirar sem uma camada de tecido sobre o rosto, a sensação de inalar e exalar o ar – não tão puro – que nos rodeia. Nos foi tirado o tato, a possibilidade de sentirmos entre nossos dedos as texturas e formas dos objetos. Nos foi tirado a comunicação básica humana, o dar e receber sorrisos. Tudo bloqueado, por uma máscara, por uma fita em frente as portas, por uma porta fechada, trancada, higienizada.

Tinha mania de não reparar nos pequenos e sutis detalhes, mesmo que antes não saísse tanto quanto agora, ainda tinha a noção de que estava livre para sair e viajar. Mas nunca o fez, sempre se utilizando da mesma desculpa: tempo. “Não tenho tempo”. E o tempo, que continua a correr sem parar, por que agora parece seguir mais lentamente? Se antes não tinha tempo, agora o convida para tomar um chá da tarde, as 15:00.

Viajou, para uma região caribenha um pouco afastada, no final do século XIX. Enrolou-se em um romance romântico entre uma dama, um médico e um comerciante. Deleitou-se nas palavras de Gabriel Garcia Marquez, lendo as cartas e passeando nos navios recheados de imundice e de cólera.

Assistia as notícias – que só falavam sobre a mesma coisa – mesmo que só deixasse a televisão ligada para não se sentir tão sozinha, e pensava, com o pouco conhecimento que tinha sobre a língua francesa, “saudades guillotine, n’est ce pas ma fille? ”. Se todos vamos morrer de uma forma ou de outra, contaminados ou não, o que quer que eu faça?

De vez em quando ficava em sua sacada, recebendo o calor tão convidativo do sol, imaginando nuvens com formatos de animais, e percebeu as tantas cores que o céu podia adquirir. Pequenos detalhes, que jamais reparara antes.

Dizem, também, que nada voltará a ser como antes, e de fato, ela também não vai ser a mesma. Vai viver todos os dias como se fosse seu único, observando os detalhes pequenos e sutis.